



GONÇALVES, Thaís; BRUM, Leonel. **Contar é esquecer: histórias da dança do Ceará.** Fortaleza: Universidade Federal do Ceará (UFC). Professores dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Dança do Instituto de Cultura e Arte (ICA).

RESUMO

Uma cartografia das histórias da dança a partir da memória dos artistas que viveram as primeiras iniciativas de formação e de criação artísticas no Ceará. O que contam, como recordam, quais os traços que marcam os processos de subjetivação, de constituição de corporeidades e sensibilidades? Com estas indagações o *Projeto de Extensão Memória Viva*, parceria dos cursos de Dança e Cinema e Audiovisual, do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará (ICA/UFC), convida artistas da dança do Ceará para contar seus percursos. Como metodologia, diversos encontros antecedem uma palestra aberta ao público. Primeiro, o contato entre cada artista e os bolsistas da Dança, para levantamento de dados biográficos, acervos pessoais e bibliográficos (jornais, programas de espetáculos, etc), em seguida os primeiros registros em vídeo com os bolsistas do Cinema e Audiovisual e, por fim, uma palestra e um documentário. Uma estratégia que, paradoxalmente, lida com memória e esquecimento – no sentido usado pelo filósofo Friedrich Nietzsche. São corpos, segundo Michel Foucault, em cujas superfícies estão inscritos os acontecimentos e que evidenciam as histórias da dança no mundo.

PALAVRAS-CHAVE: memória: dança: história: corpo: esquecimento

ABSTRACT

A cartography of dance histories from the artists' memories who lived during the first initiatives of education and artistic creation in Ceará. What they say, as they remember, what are the features that mark the subjective processes of constitution of corporeality and sensitivities? With these questions the *Projeto de Extensão Memória Viva*, a partnership with the Dance and Cinema and Audiovisual courses of the Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará (ICA/UFC), invites dance artists of Ceará to tell their histories. As a methodology, several meetings precede a lecture open to the public. First, the contact between each artist and dance scholarship students in order to collect biographical data from the bibliographical personal collections (newspapers, dance programs etc.), after that the Cinema and Audiovisual scholarship students make the first recordings in video, and finally, occurs a lecture and a documentary. A strategy that, paradoxically, deals with memory and forgetting - in the sense used by the philosopher Friedrich Nietzsche. They are bodies, according to Michel Foucault, whose surfaces are inscribed the events and histories that reveal the world of dance.

KEY WORDS: memory: dance: history: body: forgetfulness

“Eu não lembro. Eu nem gosto de lembrar”. Com essas duas frases o bailarino Hugo Bianchi, de 86 anos, iniciou a sua fala no ciclo de conversas com artistas

cearenses¹ promovido pelo Projeto de Extensão *Memória Viva: histórias da dança do Ceará* – realizado por professores e alunos dos cursos de Dança e de Cinema e Audiovisual do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará (ICA/UFC) e aprovado no Edital Proext 2011-MEC/SESu². Um projeto que, em uma primeira aproximação, parecia propor como estratégia de documentação em dança o contar, o lembrar, o recordar e que se deparou, nas primeiras ações, no primeiro semestre de 2012, com uma fala paradoxal e instigadora para o que, de fato, estávamos nos desafiando a pensar como história da dança. Afinal, o objetivo vem sendo o de traçar uma cartografia das histórias da dança a partir da memória dos artistas que viveram as primeiras iniciativas de formação e de criação artísticas no estado.

O que contam, como recordam, quais os traços que marcam os processos de subjetivação, de constituição de corporeidades e sensibilidades? Questões que movem o projeto e ganham consistência singular a partir de cada depoimento dos artistas cearenses convidados. Uma estratégia que, como evidenciamos, lida muito mais com um instigante jogo entre memória e esquecimento do que com o entendimento da história como algo fixo, que está no passado para ser revisitado. Percebido assim, o projeto aponta para uma cartografia que se faz em ato, instigada por uma relação entre memória e esquecimento no sentido usado pelo filósofo Friedrich Nietzsche (FERRAZ, 2010), compondo plasticamente com a vida em curso e coincidindo sempre com o presente. Um presente em movimento, em constante fazer-se e refazer-se.

Uma história assim compreendida é ordenada muito mais por questões do que por fatos (TÉRCIO, 2004). Portanto, Hugo Bianchi nos aponta uma aparente fragilidade que, ao mesmo tempo, dá potência a nosso projeto: perceber as histórias da dança de modo singular e contínuo, portanto uma história em constante feitura, tal como uma obra de arte, que nunca esgota suas possibilidades. Para contextualizar essas indagações, seguimos apresentando um pouco mais o *Memória Viva* para, então, nos determos no instigante jogo entre memória e esquecimento que vem povoar e direcionar nosso projeto.

Histórias da dança no Ceará: traçando um plano

Como a cena da dança se constituiu no Ceará? Quem foram seus precursores? Que danças, que estilos, que ações? Com o intuito de responder a essas indagações, de contextualizar a dança atual em relação à sua história, de contribuir para a constituição de um acervo de dança no Ceará e de promover encontros com artistas de várias gerações, o *Memória Viva* tem como ações a realização de oficinas e palestras com profissionais da dança brasileira e a produção de documentários com artistas precursores da dança no Ceará. São iniciativas que abrem possibilidades para que sejam conhecidas as histórias de cada um desses artistas e expandem o contato dos alunos da universidade e do público em geral com modos distintos de se fazer a dança,

¹ A palestra com o bailarino Hugo Bianchi foi realizada no dia 06 de junho de 2012, às 19h, no Centro Cultural Banco do Nordeste (CCBNB), em Fortaleza (CE).

² Mais informações sobre o Projeto de Extensão *Memória Viva: histórias da dança do Ceará* estão disponíveis no site memoriaviva.ufc.br.

com diferentes abordagens artísticas e conceituais em relação ao entendimento de corpo, arte e ensino.

Para a realização do *Memória Viva*, antecedendo as oficinas e palestras, os bolsistas dos cursos de Dança realizaram, nos meses de abril e maio, pesquisas de acervos e entrevistas com dois nomes de referência na dança cearense: Helena Coelis e Hugo Bianchi. Nesses encontros, os entrevistados falaram sobre suas vidas na dança, tais como o contato com o balé clássico, com a dança moderna, com outras linguagens artísticas, como o circo, a música e o teatro de revista, as influências de artistas da cena nacional e internacional, como as bailarinas Isadora Duncan (Estados Unidos) e Eros Volusia (Rio de Janeiro), a criação de suas escolas em Fortaleza, os festivais que realizaram.

Em conjunto com bolsistas do curso de Cinema e Audiovisual, foram colhidas fotos do acervo pessoal de cada bailarino para compor o formato dos documentários. Nessas ocasiões foram realizados levantamentos de dados biográficos, acervos pessoais e bibliográficos (jornais, programas de espetáculos, livros, dissertações, etc). O segundo momento da pesquisa envolveu palestras com os artistas cearenses, realizadas em maio e junho, no Centro Cultural Banco do Nordeste (CCBNB), onde eles puderam contar, então para um público mais amplo, suas trajetórias artísticas. Nesta etapa, intercaladas às falas dos artistas cearenses, ocorreram oficinas ministradas pelas artistas e pesquisadoras da dança Flavia Meireles (Mestranda em Artes Visuais pela UFRJ/RJ) e Holly Cavrell (Professora da UNICAMP/SP), seguidas de palestras, focando suas respectivas pesquisas e experiências artísticas com a dança moderna e pós-moderna.

Com essas ações, o *Memória Viva* procura conectar tanto os alunos dos cursos de Dança e de Cinema e Audiovisual, como a população em geral, com o universo da dança no Ceará, percebendo suas relações com a dança brasileira e mundial. Afinal, o que se percebe é um desconhecimento em torno das pessoas e dos processos históricos que foram imprescindíveis para que uma trajetória de dança se efetivasse no Ceará, possibilitando uma série de ações artísticas e políticas que culminaram na criação de editais, festivais, programas pedagógicos em escolas públicas e a própria implantação da graduação em Dança na UFC. Com isso, acreditamos que este projeto contribui para formar uma rede de relações mais ampliada entre artistas de diferentes gerações, iniciativas artísticas e políticas e as questões estéticas e conceituais que acompanham a dinâmica da história no Ceará e no mundo. Com esta perspectiva, o *Memória Viva* segue, no segundo semestre, com a produção e realização de mais dois ciclos de palestras, oficinas e documentários com dois outros artistas cearenses, Flávio Sampaio e Graça Martins, e dois outros artistas e pesquisadores nacionais, a paulista Marília de Andrade e o gaúcho Airton Tomazzoni.

Deste modo o *Memória Viva* possibilita uma imersão na memória social da dança do Ceará dando chance a novas percepções e experimentações das diversas histórias da dança que são produzidas diariamente e realizando a documentação dos percursos de cada um desses artistas em formato

audiovisual, formando assim um acervo acessível a alunos, professores e pesquisadores em dança, bem como um registro das transformações que ocorreram na cena cearense. Este projeto intensifica a pesquisa e incentiva a produção de conhecimento através dos debates sobre os conceitos e as estéticas da dança no estado e contribui para documentar a vida dos artistas no Ceará.

Contar é esquecer

Ao realizarmos o *Memória Viva* passamos a reafirmar o desejo por uma história que não é um passado, “mas um modo de pensá-lo”, como nos diz Celso Favaretto (1993). Segundo o autor, visitar o passado não é necessariamente fazer um retorno à história, pois o que podemos encontrar são processos singulares, ao invés de totalizações, fatos e ocorrências que se fixam, como se constituíssem evidências inquestionáveis. Enquanto modo de pensar, o passado estabelece relações com o presente, nos ajudando a compreender as transformações contemporâneas em seus diferentes contextos.

Assim, o fato do artista cearense Hugo Bianchi afirmar que nem gosta de se lembrar do seu passado nos coloca diante de uma outra perspectiva de memória e de esquecimento. Não mais como uma dicotomia, mas como um jogo em processo que se dá no tempo, em suas diferentes relações com o presente e nos faz pensar na definição que Foucault dá ao corpo: “superfície de inscrição dos acontecimentos. (...) o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo” (FOUCAULT, 2007, p. 22). Para Nietzsche, “o esquecimento não viria para apagar marcas já produzidas pela memória. Antecedendo sua própria inscrição, ele impediria e inibiria qualquer fixação” (FERRAZ, 2010, p.112).

Assim, evidenciamos aqui a percepção nietzschiana de que esquecer é digerir e, portanto, implica em incorporar certos elementos em detrimento de outros. E como uma digestão se dá no tempo, requer uma certa lentidão, caracteriza-se como um processo de resistência à urgência dos tempos que correm. Nessa mesma linha de pensamento, lembrar é continuar querendo aquilo que uma vez foi querido, é aquilo que persiste do que se viveu, é uma transformação da vontade em tempo. A memória passa a ser percebida como intensificação da vontade no tempo. Uma memória instauradora de mundos, “invenção de uma possibilidade inédita de projetar-se outro em um futuro desejado” (FERRAZ, 2010, p. 118).

Os artistas cartografados pelo *Memória Viva* fazem dançar o pensamento de Susan Foster (FOSTER *apud* TÉRCIO, 2004), para quem ao reescrever a história, os corpos estão também a reescrever-se a si mesmos. Para Daniel Tércio, esse movimento entre passado e presente faz da história uma “coreografia dos corpos”. “Terpsicore pensa o passado dos seus passos a partir dos gestos que faz aqui e agora” (TÉRCIO, 2004, p. 223). Assim como fez a artista cearense Helena Coelis ao dançar especialmente para a gravação de seu documentário. Em meio à sala de equipamentos de musculação, a bailarina atualiza este espaço que antes era usado para as aulas e ensaios de sua companhia e que, na última década, vem se rendendo à maior procura

pela ginástica, ao invés da dança. A artista revisita seu passado a partir do presente registrado em vídeo, preenchendo de dança o espaço aparentemente frio das máquinas. É como se seu corpo, no presente, reinventasse aquele espaço, transformando o modo como se relaciona com seu passado.

Tanto Helena Coelis como Hugo Bianchi projetam-se outros. E, no caso do bailarino, há ainda um modo diferente de perceber-se como professor. Atento às mudanças ocorridas no modo de ensinar, ele demonstra não sentir orgulho por ter usado varas para ameaçar os alunos a executarem com perfeição os passos de dança que ensinava, por vezes até machucando-os. Admite o fato, mas posiciona-se de uma forma diferente para si mesmo. Conforme Nietzsche, a tentativa de esquecer esse momento não apaga as marcas do vivido, mas permite refazer uma relação com o passado. Neste aspecto, “a elaboração da memória se faz no presente e para responder as solicitações do presente. É do presente, sim, que a rememoração recebe incentivo, tanto quanto as condições para se efetivar” (MENESES, 1993, p. 11).

Diante dessa história que se faz por questões, em ato, refazendo-se numa dança entre o passado e o presente, o *Memória Viva* intensifica-se como uma possibilidade de invenção de mundo ao reeditar as histórias da dança do Ceará ao modo dos seus precursores no tempo e espaço que ora se apresentam.

Referências bibliográficas

FAVARETTO, C. F. Restauração e Resgate na Arte Contemporânea. In: BARBOSA, Ana Mae T. B.; FERRARA, L.; VERNASCHI, E. (Orgs). **O Ensino das Artes nas Universidades**. São Paulo: EdUSP, 1993.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. **Homo deletabilis**: corpo, percepção, esquecimento do Século XIX ao XXI. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 23ª edição, 2007.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **A história, cativa da memória?** Rev. Inst. Est. Bras., São Paulo, 34:9-24, 1992. Disponível em:
<http://www.scribd.com/doc/73780806/Ulpiano-A-Historia-cativa-da-memoria>
Acesso em 03/11/2012.

TÉRCIO, Daniel. Clio e Terpsicore: para uma teoria de cruzamentos entre a História e a Dança. In: **Estudos de Dança**. Lisboa, FMH edições, (7-8) 2004.